

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS

*REVISTA DE HISTÓRIA
DAS IDEIAS*

VOL. I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

O LIBERALISMO (*)

O liberalismo vitorioso em Portugal em 1820 era de tonalidade conservadora. Isso significa que era moderado no pensamento político, que não queria destruir a monarquia, nem queria implantar o republicanismo. Estava associado ao liberalismo económico, que era a armadilha com que se aprisionavam nações ao imperialismo sobretudo britânico. Um liberalismo que aceita manter a dependência brasileira, que não via a subjugação aos ingleses, que impunha apenas condições limitativas à autoridade real, não é verdadeiramente senão moderado e contido. O vintismo português (revolução de 1820) assistiu a uma luta entre liberais, conservadores e absolutistas, tanto no campo doutrinário, quanto na acção combativa. Na própria revolução já estavam os germes da contra-revolução, que logo depois em 1823 tomará uma feição doutrinária e tradicionalista e vencerá e perderá. Aos liberais opunham-se menos os conservadores, que os contra-revolucionários, pois não havia um liberalismo radical, republicano, bem organizado, o que facilitava a compreensão entre liberais e conservadores. Os contra-revolucionários queriam a volta ao absolutismo, sem promessas liberais.

O liberalismo português não foi influente no Brasil, na medida em que ele se opôs a tudo, absolutamente tudo, a que aspiravam os liberais brasileiros. No fundo, o liberalismo português era conservador, visando apenas reformar o que fosse possível reformar, respeitando as estruturas tradicionais. Ele nunca foi radical, democrático, e o máximo a que chegou, um pouco depois da independência brasileira, em 1834, com D. Pedro IV (I no Brasil) foi atender àquilo que Alexandre Herculano chamou de positivismo liberal, e que con-

(*) Parte do capítulo 1.º, «Ideologias, Facções e Vocabulário Político», do livro *Independência: Revolução e Contra-Revolução*, vol. 1.º, *Evolução Política*, a sair em 1976.